26/06/2020: MATERIAL DE APOIO

DISCIPLINA: LITERATURA

PROFESSORA: TATIANA

O trecho a seguir é parte do poema “Mocidade e morte”, do poeta romântico Castro Alves:

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh’alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n’amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
– Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra fresca da palmeira erguida.
Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria.
(ALVES, Castro. Os melhores poemas de Castro Alves. Seleção de Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983.)

01. Esse poema, como o próprio título sugere, aborda o inconformismo do poeta com a antevisão da morte prematura, ainda na juventude. A imagem da morte aparece na palavra
a) embalsama.
b) infinito.
c) amplidão.
d) dormir.
e) sono.

- Quebraram-se as cadeias, é livre a terra inteira,
A humanidade marcha com a Bíblia por bandeira;
São livres os escravos... quero empunhar a lira,

Quero que est'alma ardente um canto audaz desfira,
Quero enlaçar meu hino aos murmúrios dos ventos,
As harpas das estrelas, ao mar, aos elementos!

02.No fragmento acima, pertencente a um poema de Castro Alves, notam-se características de qual tendência romântica?
a) Mal do século.
b) Bucolismo.
c) Poesia Condoreira.
d) Nacionalismo.
e) Indianismo.

LUCÍOLA

CAPÍTULO II

A primeira vez que vim ao Rio de Janeiro foi em 1855.

Poucos dias depois da minha chegada, um amigo e companheiro de infância, o Dr. Sá, levou-me à festa da Glória; uma das poucas festas populares da corte. Conforme o costume, a grande **romaria** desfilando pela Rua da Lapa e ao longo do cais, serpejava nas **faldas** do outeiro, e **apinhava-se** em torno da poética **ermida**, cujo **âmbito regurgitava** com a multidão do povo.

Era ave-maria quando chegamos ao **adro**; perdida a esperança de romper a mole de gente que murava cada uma das portas da igreja, **nos resignamos** a **gozar** da fresca viração que vinha do mar, contemplando o delicioso panorama da baía e admirando ou criticando as devotas que também tinham chegado tarde e pareciam satisfeitas com a exibição de seus **adornos**.

Enquanto Sá era disputado pelos numerosos amigos e conhecidos, gozava eu da minha tranquila e independente **obscuridade**, sentado comodamente sobre a pequena muralha, e resolvido a estabelecer ali o meu **observatório**. Para um **provinciano** recém-chegado à corte, que melhor festa do que ver passar-lhe pelos olhos, à doce luz da tarde, uma parte da população desta grande cidade, com os seus vários **matizes** e infinitas gradações?

Todas as raças, desde o caucasiano sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente, todos os tipos grotescos da sociedade brasileira, desde a arrogante nulidade até a vil lisonja, desfilaram em face de mim, roçando a seda e a **casimira** pela **baeta** ou pelo algodão, misturando os perfumes delicados às impuras exalações, o fumo aromático do havana às acres baforadas do cigarro de palha.

— É uma festa filosófica essa festa da Glória! Aprendi mais naquela meia hora de observação do que nos cinco anos que acabava de **esperdiçar** em Olinda com uma **prodigalidade** verdadeiramente brasileira.

A lua vinha **assomando** pelo **cimo** das montanhas fronteiras; descobri nessa ocasião, a alguns passos de mim, uma linda moça, que parara um instante para contemplar no horizonte as nuvens brancas **esgarçadas** sobre o céu azul e estrelado. Admirei-lhe do primeiro olhar um **talhe** esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e **diáfanos**, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os **tênues** vapores da **alvorada**. Ressumbrava na sua muda contemplação doce melancolia e não sei que **laivos** de tão ingênua castidade, que o meu olhar repousou calmo e sereno na mimosa aparição.

— Já vi esta moça! disse comigo. Mas onde?...

Ela pouco demorou-se na sua graciosa imobilidade e continuou lentamente o passeio interrompido. Meu companheiro cumprimentou-a com um gesto familiar; eu, com respeitosa **cortesia**, que me foi retribuída por uma imperceptível inclinação da fronte.

— Quem é esta senhora? perguntei a Sá.

A resposta foi o sorriso **inexprimível**, mistura de **sarcasmo**, de bonomia e **fatuidade**, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.

— Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la ?. . .

Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido, ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade.

Depois de algumas voltas descobrimos ao longe a ondulação do seu vestido, e fomos encontrá-la, retirada a um canto, distribuindo algumas pequenas moedas de prata à multidão de pobres que a cercava. Voltou-se confusa ouvindo Sá pronunciar o seu nome:

— Lúcia!

— Não há modos de livrar-se uma pessoa desta gente! São de uma impertinência! disse ela mostrando os pobres e esquivando-se aos seus agradecimentos.

Feita a apresentação no tom desdenhoso e altivo com que um moço distinto se dirige a essas sultanas do ouro, e trocadas algumas palavras triviais, meu amigo perguntou-lhe:

— Vieste só?

— Em corpo e alma.

— E não tens companhia para a volta?

Ela fez um gesto negativo.

— Neste caso ofereço-te a minha, ou antes a nossa.

— Em qualquer outra ocasião aceitaria com muito prazer; hoje não posso.

— Já vejo que não foste franca!

— Não acredita?. .. Se eu viesse por passeio!

— E qual é o outro motivo que te pode trazer à festa da Glória?

— A senhora veio talvez por devoção? disse eu.

— A Lúcia devota!. . . Bem se vê que a não conheces.

— Um dia no ano não é muito! respondeu ela sorrindo.

— É sempre alguma coisa, repliquei.

Sá insistiu:

— Deixa-te disso; vem conosco.

— O senhor sabe que não é preciso rogar-me quando se trata de me divertir. Amanhã, qualquer dia, estou pronta. Esta noite, não!

— Decididamente há alguém que te espera.

— Ora! Faço mistério disto?

— Não é teu costume decerto.

— Portanto tenho o direito de ser acreditada. As aparências enganam tantas vezes! Não é verdade? disse voltando-se para mim com um sorriso.

(...)

ALENCAR, José de. **Lucíola**. 5 ed. São Paulo: FTD, 1999, p.14-18.

Adornos: enfeites, elementos de embelezamento.

Adro: terreno em frente e/ou em volta da igreja, plano ou escalonado, aberto ou murado.

Alvorada: crepúsculo matutino; a claridade que precede o romper do Sol.

Âmbito: espaço delimitado, recinto.

Apinhava-se: unia-se muito e apertadamente; aglomerava-se.

Assomando: surgindo.

Baeta: tecido felpudo de lã.

Casimira: tecido encorpado de lã, usado em geral para vestuário masculino.

Cortesia: cumprimento, reverência.
Cimo: cume.
Diáfanos: macérrimos; transparentes.
Ermida: pequena igreja.
Esgarçadas: divididas.
Esperdiçar: desperdiçar.
Faldas: abas da montanha.
Fatuidade: modo de quem é fátuo; presunção, vaidade; passageiro, fugaz.
Gozar: viver agradavelmente; divertir-se.
Inexprimível: que não se pode exprimir.
Laivos: traços.
Matizes: cores diversas.
Nos resignamos: nos conformarmos.
Obscuridade: ausência de celebridade, de fama, de notoriedade.
Observatório: espaço de observação.
Prodigalidade: esbanjamento; liberalidade.
Provinciano: Indivíduo natural ou habitante da província e/ ou imbuído do espírito provinciano.
Regurgitava: ficava muito cheio.
Romaria: peregrinação a algum local religioso; reunião de devotos; multidão.
Sarcasmo: zombaria.
Talhe: feição do corpo.
Tênues: pequeninníssimos, fraquíssimos.

No texto, Paulo narra sua chegada ao Rio de Janeiro em 1855, expressando as ações, as atitudes e os perfis da vida urbana que chamam sua atenção. Além disso, destaca-se um comentário sobre a personagem Lúcia.

A partir dos fragmentos retirados do texto gerador 1, faça o que se pede:

03. Identifique e explique como o narrador descreve a desigualdade social da sociedade de 1855.
04. Comente sobre as reações de Paulo e do seu amigo Dr. Sá na apresentação de Lúcia e relacione à posição feminina da época.